

POTENCIALIDADES E LIMITES DE UMA HISTÓRIA TRANSNACIONAL DA EDUCAÇÃO

VIDAL, Diana (Org.). *Sujeitos e artefatos: territórios de uma História Transnacional da Educação*. 1^aed. Belo Horizonte (MG): Fino Traço, 2020. 192p.

João Gabriel da Silva¹

Há cerca de quatro décadas – ao menos na visão de Weinstein (2013) –, observa-se uma ascensão de perspectivas históricas que se reivindicam como transnacionais e se propõem a ocupar o vácuo deixado pela decadência do Estado-Nação enquanto principal categoria interpretativa da História. Acusadas de teleológicas e artificiais, as historiografias que partiam do pressuposto de unidades nacionais fechadas (como a história comparada) foram perdendo espaço diante da abordagem transnacional e sua capacidade de “mostrar a alta permeabilidade das fronteiras (nacionais, regionais etc.) e da intensa circulação de corpos, ideias e objetos de consumo [...]” (Idem, p. 19).

As observações de Weinstein são resultado de sua leitura do mundo acadêmico dos Estados Unidos da América (EUA), sobretudo na área de *latin americanists*². No entanto, os estudos transnacionais têm se multiplicado em outras localidades e áreas. Nesse sentido, o livro *Sujeitos e artefatos: territórios de uma história transnacional da educação*, organizado por Diana Vidal, é um importante indício da consolidação do paradigma transnacional entre os estudiosos de História da Educação na academia brasileira.

A obra faz parte da Coleção Estudos Brasileiros da editora Fino Traço, e está disponível em versão impressa e também em e-book, cujo download é gratuito no site da editora³. A versão em e-book foi a utilizada na elaboração desta resenha, a qual contém 192 páginas, divididas em seis

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Contato: joao.gabriel23@unifesp.br.

² Nome dado pela autora aos historiadores estadunidenses que se dedicam ao estudo da América Latina.

³ <https://www.finotracoeditora.com.br/e-book-sujeitos-e-artefatos-territorios-de-uma-historia-transnacional-da-educacao> (acesso em 12/06/2023)

capítulos, além de uma apresentação da organizadora e de uma seção “sobre os autores”.

Todos os capítulos possuem de 25 a 30 páginas, o que faz com que a leitura seja bastante fluida. A diagramação é feita com amplas margens e espaçamentos entre títulos, subtítulos e o início do texto, fornecendo espaços para anotações do leitor.⁴ Além disso, o livro é repleto de fontes imagéticas cuja reprodução no e-book é de bastante qualidade.

A heterogeneidade dos autores - em termos de área do conhecimento⁵ - indica que a perspectiva transnacional ganha amplitude acadêmica. A cipilaridade deste tipo de abordagem nos mecanismos de financiamento à pesquisa no Brasil também é evidenciada pelo fato de que todos os autores são membros do Projeto Temático FAPESP (n. 2018/26699-4), intitulado “Saberes e práticas em fronteiras: por uma história transnacional da educação (1810-...)”, coordenado por Vidal, que define a abordagem transacional como aquela que “guarda, no seu próprio nome, a remissão à Nação e, por conseguinte, à delimitação das fronteiras e à territorialização plana historicamente construída.” (VIDAL, p. 11)

Os seis capítulos do livro estão divididos em duas partes. Na primeira, intitulada “sujeitos em viagem”, são reunidos quatro textos que abordam circulações de pessoas. De maneira geral, os três primeiros capítulos, escritos respectivamente por Vinicius Monção, Vivian Batista da Silva e Keila da Silva Vieira, e Diana Gonçalves Vidal, analisam trajetórias de educadores e educadoras brasileiras que tiveram experiências profissionais nos Estados Unidos da América. Já o quarto, elaborado por Rafaela Rabelo, dá conta das viagens

⁴ O resenhista realizou a leitura do livro pela ferramenta “Foxit PDF reader”, disponível para Windows e que possui recursos de destaque de texto e anotações nas margens.

⁵ A partir de informações coletadas no próprio livro e na plataforma Lattes, pode-se observar os autores participam do mesmo grupo de pesquisa da FEUSP, mas possuem trajetórias acadêmicas que envolvem diferentes áreas como História, Educação, Letras, Ciências e Matemática. A saber: Diana Gonçalves Vidal, doutora em educação pela FEUSP e professora de História da Educação no IEB-USP; Keila da Silva Vieira, Licenciada em Letras pela USP; Rachel Duarte Abdala, mestre e doutora em educação pela FEUSP, docente do curso de História da UNITAU e professora colaboradora da FEUSP; Rafaela Rebelo, professora da FEUSP, doutora pela mesma instituição, e mestre em ensino de Ciências e matemática, pela UFG; Vinicius Monção, doutor e mestre em educação pela UFRJ, pós-doutorando na FEUSP. Vivian Batista da Silva: doutora em educação, professora da FEUSP e Wiara Rosa Alcântara, doutora em educação pela FEUSP e professora das licenciaturas em ciências biológicas e químicas da UNIFESP-Diadema.

de um educador estadunidense que, a serviço do governo norte americano, passou por Equador, Chile, Paraguai e Brasil.

Já a segunda parte, nomeada “circulação de artefatos”, é constituída pelo capítulo cinco, no qual Wiara Rosa Alcântara analisa a difusão de carteiras escolares e seus modelos de construção por Estados Unidos, América Latina e Europa; além do sexto e último capítulo, escrito por Rachel Duarte Abdala, que examina a circulação de ideais fotográficos do movimento pictorialista, do qual fazia parte Nicolas Alagemovits, contratado por Fernando de Azevedo para fotografar a reforma da Instrução Pública no Distrito Federal, ao final da década de 1920.

A coletânea será aqui analisada de modo geral, visto que os capítulos compartilham temas e propostas semelhantes. A título de exemplificação das abordagens que estruturam o livro, alguns capítulos serão citados individualmente, não necessariamente na ordem em que estão dispostos no livro.

O livro propõe uma contribuição interessante no sentido de pensar os sistemas educacionais a partir da importância dos processos de internacionalização de sujeitos e objetos que são imbuídos de práticas e saberes pedagógicos. No segundo capítulo, Silva e Vieira (2020) argumentam que as análises que se restringem ao paradigma nacional como principal edificante da narrativa histórica deixaram de apreender aspectos de extrema valia para a compreensão da História dos sistemas escolares. De acordo com as autoras: “A consolidação da escola moderna aponta para o fortalecimento das trocas de modelos e influências para além das fronteiras locais” (Idem, p. 67).

Outra contribuição significativa do livro advém do fato de que todos os textos analisam mais as ações dos sujeitos em suas redes de sociabilidade do que as ações do Estado, alertando-nos para a relevância de se considerar a multipolaridade dos processos históricos, uma vez que se dão em diferentes ritmos e direções, defendendo que as políticas governamentais não bastam por si só para a pesquisa histórica.

A abordagem apresenta, assim, uma grande novidade em relação a trabalhos clássicos da historiografia da educação brasileira, como o de

Clarice Nunes (1980), que analisa a política externa estadunidense e sua influência nas políticas educacionais brasileiras (principalmente a partir da década de 1950) como uma tentativa de manter as relações desiguais entre centro e periferia do capitalismo, construindo uma relação de dependência cultural entre EUA e países da América Latina como o Brasil.

Todos os capítulos do livro abordam em algum momento circulações de sujeitos e artefatos justamente entre os EUA, o Brasil e outros países da América Latina, em um recorte temporal quase sempre anterior ao de Nunes. Sendo assim, comprehende-se que, ainda que se assuma uma relação de imposição/dominação cultural por parte dos EUA na política educacional brasileira, as relações educacionais entre os dois países se deram não somente por meio dos grandes acordos de política externa, mas envolvendo também, em alguns casos, mais trocas e circulações do que imposições.

No primeiro capítulo, Monção (2020) argumenta que a perspectiva transnacional contribui no sentido de “rever as relações sociais constituídas ao longo dos séculos, variando os pontos de vistas, misturando ‘centro’ e ‘periferia’, na busca por simetrias e anomalias” (Idem, p. 24). Em contrapartida, ressalta-se que todas as circulações abordadas nos textos parecem reproduzir uma certa relação política e/ou cultural entre Brasil e EUA que, em termos de força, sempre pende mais para o lado norte americano.

No capítulo 4, por exemplo, Rabelo (2020) discute as viagens de Charleton Washburn, que recebeu financiamento do departamento de Estado para produzir relatórios sobre o panorama educacional de Equador, Chile, Paraguai e Brasil. Dentre os poucos aspectos que teriam empolgado o estadunidense no Brasil, a autora destaca “as lideranças educacionais existentes, compostas em sua maioria por pessoas que já estiveram nos EUA ou que, no mínimo, se mantenham atualizadas acerca das propostas estadunidenses. (Idem, p. 114)”

Desde o primeiro capítulo, percebe-se a forma com que a viagem aos EUA era um elemento bastante agregador na reputação das professoras abordadas. O mesmo acontece no segundo capítulo, que analisa a trajetória do educador Luiz Alves de Mattos (1917 - 1990), que teve cargos importantes na Fundação Getúlio Vargas (FGV), obras traduzidas para o espanhol e pu-

blicadas em outros países latinoamericanos, bem como ligações com órgãos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU), Organização dos Estados Americanos (OEA) e fundação Ford. Tal proeminência profissional teria sido muito influenciada pela reputação adquirida em razão de um período de estudos nos EUA, “(entre 1929 e 1931) para aprender lições do mundo dito moderno e civilizado [...]” (SILVA e VIEIRA, p. 61).

Em sua célebre análise do eurocentrismo e de seus “avatares” arraigados nas ciências sociais, Wallerstein (2003) aponta a existência de um discurso que define “civilização” como um conjunto de comportamentos que servem de justificativa para colonialismos e interferências políticas no mundo “não civilizado”. Em certos momentos - como os aqui referidos - a obra organizada por Vidal parece apontar a existência concreta de um “eurocentrismo americanizado” que produzia um discurso de oposição entre a civilização estadunidense e a barbárie educacional brasileira.

Por outro lado, o livro também parece estar em consonância com o afirmado por Weinstein (2013), para quem as perspectivas transnacionais:

rejeitam o modelo de difusão/disseminação que identifica um único ponto de origem de uma ideia (política, científica, tecnológica, econômica) e indica um processo de irradiação desse ponto de origem, de onde ela começa a penetrar novas zonas por vários meios. Em vez desse conceito, que corresponde às noções mais convencionais do “imperialismo cultural”, eles preferem o conceito ou a imagem de “circulação cultural” e frisam a constante reformulação de ideias, de propostas e de práticas culturais de um contexto para outro. (WEINSTEIN, 2013, p. 17)

Sendo assim, cabe questionar se, em vez de serem considerados universos distintos, a “política governamental/internacional” as circulações e difusões culturais não podem ser pensados a partir de uma inter-relação. O capítulo quatro, de Rafaela Rabelo (2020), é o que mais caminha nessa direção ao associar, de forma não determinista, a trajetória de Charles Washburn à política da boa vizinhança exercida pelo governo estadunidense. Em outros momentos, no entanto, a leitura da obra pode perceber possibilidades bastante fecundas, porém não exploradas, sobre as implicações político-educacionais das circulações culturais - e vice-versa.

Exemplifica-se: quais seriam as implicações socioeducacionais da alta circulação de livros didáticos estadunidenses no Brasil, traduzidos por Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, educadora cuja estadia profissional nos EUA

fora abordada no primeiro capítulo? Ou ainda: a consolidação no âmbito mundial do modelo de carteira escolar estadunidense (relatado no capítulo cinco) não pode ser interpretada como parte das causas e/ou consequências de um processo maior de imposição da política educacional estadunidense? E quais seriam as implicações pedagógicas da adoção desse modelo, ainda mais se considerarmos que a organização do espaço escolar também pode ser considerada como um elemento do currículo (VINÃO FRAGO e ESCOLANO, 2001)?

Essas questões podem ser interpretadas como lacunas nos textos, ou então como aspectos que estão, por definição, fora do escopo da perspectiva metodológica adotada, que vale ressaltar, ainda se encontra em estado relativamente inicial quando comparado a outras perspectivas teóricas mais longevas.

Mostrou-se bastante interessante também a comparação da obra resenhada com outras, como a de Clarice Nunes. Vale lembrar que a própria Nunes, em estudos mais recentes, aproximou-se da perspectiva transnacional e da circulação cultural, como em “Anísio Teixeira na América (1927-1929): Democracia, diversidade cultural e políticas públicas de educação”, publicado na coletânea “Viagens pedagógicas”, organizada por Gondra e Mignot (2007).

No entanto, para a análise aqui realizada foi escolhida a obra mais clássica de Nunes, com o intuito de evidenciar que o diálogo entre as abordagens mais consolidadas e as mais recentes é bastante profícuo quando feito não no sentido de contraposição, mas sim de enriquecimento do debate.

De uma forma ou de outra, a leitura é bastante auspíciosa na medida em que nos instiga à reflexão, seja sobre a possibilidade de novos caminhos interpretativos para a constituição histórica do sistema escolar, seja sobre as potencialidades e limites da própria perspectiva transnacional.

Bibliografia

ABDALA, Raquel Duarte. Mundos conectados pelo movimento pictorialista: a fotografia como artefato. In *Sujeitos e artefatos: territórios de uma História Transnacional da Educação*, org. Diana Vidal, 1^aed, Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2020.

GONDRA, José Alves (orgs.). *Viagens pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007.

NUNES, Clarice. *Escola e Dependência: o ensino secundário e a manutenção da ordem*. 1^a ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

MONÇÃO, Vinicius. Trajetórias da família Loureiro de Andrade na educação da infância: um debate transnacional. In *In Sujeitos e artefatos: territórios de uma História Transnacional da Educação*, org. Diana Vidal, 1^aed, Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2020.

RABELO, Rafaela. A educação sul-americana nas narrativas de Carleton Washburne: uma análise sob a lente da política de boa vizinhança. In *In Sujeitos e artefatos: territórios de uma História Transnacional da Educação*, org. Diana Vidal, 1^aed, Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2020.

SILVA e VIEIRA, Vivian Batista e Keila da Silva. Luiz Alves de Mattos e suas redes: viagens e conexões no campo educacional. In *Sujeitos e artefatos: territórios de uma História Transnacional da Educação*, org. Diana Vidal, 1^aed, Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2020.

VIDAL, Diana (Org.). *Sujeitos e artefatos: territórios de uma História Transnacional da Educação*. 1^aed, Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2020.

VIÑAO FRAGO, Antonio e ESCOLANO, Agustín. *Curriculum, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa*. Tradução: Alfredo Veiga Neto. 2^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

WALLERSTEIN, Emmanuel. Eurocentrismo e seus Avatares: Os dilemas das Ciências Sociais. *O fim do mundo como o concebemos: Ciência social para o século XXI*, Rio de Janeiro: Revan, 2003, pp. 205-221.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, 14 (2015): 10-31.